PSICOLOGIA TEMPORAL

Madson Lima de Oliveira

Muitos vão me criticar por escrever um livro com a proposta de uma nova abordagem em psicologia; em primeiro lugar, pois, os argumentos dirão que sou novo, sem tanta formação ou coisa que o valha; também serei alvo de anedotas por não ter, acho eu, uma linguagem tão acadêmica e chata para falar dos assuntos aqui lançados. Seja como for, o x da questão é que a psicologia continua a mesma há muitos anos. Somos praticantes da Psicanálise, das abordagens comportamentais, das escolas humanistas: ACP, Gestalt-terapia, Psicodrama, sem contar com a sistêmica, a transpessoal entre outras. Mas, pensando bem, por que eu não posso criar meu próprio fazer clínico? De todos os conceitos estudados até então, a verdade é que o vínculo entre paciente/terapeuta continua sendo o principal fator norteador de uma terapia. Pois bem, concordamos com isso, mas não podemos negar os limites de qualquer abordagem. Poderíamos passar todo esse livro explanando sobre as correntes existencialistas ou sobre teorias e formulações genéticas e culturais a respeito do homem. Tudo isso, pois, ajuda a decifrar um pouco a alma humana, mas sempre estaremos longe das verdadeiras respostas. Sendo assim, na época atual, vemos as pessoas dizendo que temos de ter uma visão holística, que o essencial reside em focar no todo; mas será que somos capazes de tamanha dádiva? E quais são os principais contratempos da existência? O medo, o tempo, o amor, as doenças, a velhice, os transtornos mentais, as armadilhas que o sujeito constrói para ele mesmo? Somos verdadeiramente livres ou sempre há algo determinista em nossas vidas? O importante é o passado ou o aqui-agora? Temos muita teoria para pouca prática? Como viver a práxis? Estamos sempre fazendo perguntas, levantando questionamentos sobre nossa história, buscando compreender qual a fórmula da bonança ou em qual filosofia podemos repousar nossas cabeças e seguir em frente. Podemos comentar sobre Platão, sobre o Inferno de Dante, sobre a história da loucura de Foucault, mas ficaremos sem respostas. Queria, no entanto, falar que o penso logo existo poderia ser metamorfoseado no penso em você logo existo. Por fim, e com o coração nervoso, deixarei aqui um poema para começar nossos trabalhos. A construção de uma Teoria Psicológica é o maior desafio do meu Ser. Agora, contudo, podem jogar as facas da Crítica, a Psicologia do Eterno Retorno foi feita para os fortes, os revolucionários, os que vão além das máscaras e dos rótulos.

De tua sombra a caminhar atrás de ti quando amanhece
Ou de tua sombra vespertina ao teu encontro se elevando;
Vou revelar-te o que é o medo num punhado de pó. (Terra Desolada, T.S. Eliot)

Nossa abordagem é intensa como esta poesia, porém vai mais adiante. Pois é o paciente que revela e supera sua angústia.

Capítulo 1

PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Construir uma nova abordagem em psicologia é, sabe o leitor, uma tarefa complexa nos tempos atuais. Mas, levando em conta a hipermodernidade apontada por Lipovetsky, mostra-se necessária uma nova visão da psique. Estamos, pois, num período de grande vazio do homem, onde já não parece possível ou plausível explicar as coisas a partir da função paterna e da linguagem ou dos inúmeros furos causados pelo chamado humanismo. Todorov, com uma sabedoria iluminada, diz que o mal só pode ser eliminado do ser humano se trocarmos de espécie. E todo esse mal pode ser contemplado em todos os tempos. Na sociedade hipermoderna, com efeito, sofremos pressões por todas as etapas: passado, presente e futuro. Os fantasmas do passado, como bem apontado pela Psicanálise, estão inscritos em nosso corpo, nos desejos que os pais lançaram em seus filhos. Sempre voltamos para estágios primitivos para nos proteger dos arroubos de qualquer psicopatologia. O presente, por meio de algumas correntes da psicologia, é estudado através da perspectiva do aqui e agora que, por sinal, é bem limitada, pois o presente não pode ser definido apenas por sensações ou por descrições fenomenológicas, mas também sobre todo o passado e futuro já tatuados em sua essência. O futuro, por sua vez, podemos ver em um dos maus do século: a ansiedade. O medo do que vai acontecer, esta ‘’maldição’’ generalizada, naturalmente faz parte de uma cultura narcisista como a nossa, então presa ao consumismo desenfreado e ao poderio do capitalismo.

Há muito chegamos no homem sem qualidades de Robert Musil ou no último homem descrito por Nietzsche. As pessoas fazem escolhas o tempo inteiro, mas não possuem senso crítico, afinal tudo está morto, não apenas Deus ou as instituições, mas também os verdadeiros objetivos do Ser e da Civilização.

Em seu poema O tempo passa, não passa, Carlos Drummond de Andrade proclama a respeito do Tempo: ‘’São mitos de calendário tanto o ontem como o agora, e o teu aniversário é um nascer toda a hora.’’ Sim, o tempo é um mito, porém o mais real de todos eles, o que atravessa nossas alegrias e dores ou o senhor que sara ou perdura feridas. Estamos lutando, sobretudo no contexto hipermoderno, para vencermos as marcas que o tempo deixa, ainda mais quando pensamos na velhice. Os indivíduos consomem botox, cremes contra as rugas, sem falar da miríade de cirurgias plásticas. Vivemos sob a ordem do mito do eterno jovem!

Logo, uma vez que o novo método psicológico busca ser orientado pela questão espaço-temporal, nada mais atilado que sustentar nossa teoria no prisma de Henri Bergson.

> Voltamos, pois, sempre ao mesmo ponto: há só um Tempo real e os outros são fictícios. Que é em efeito um Tempo real senão um Tempo vivido ou que poderia o ser? Que é um Tempo irreal, auxiliar, fictício, senão aquele que não poderia ser vivido efetivamente por nada nem por ninguém?

Na Psicologia Temporal, portanto, devemos saber nos relacionar com o tempo, sobretudo com o que faz parte do psiquismo, o que está dentro de nós. As coisas externas, por sua vez, são apenas parciais, a totalidade habita no âmago. Pensar a mente humana com lógica ou matemática não parece ser a via correta, uma vez que o homem é o ser mais complexo de todos. Assim, sem conhecimento prévio, todo o passado mora no inconsciente, bem como o presente é sempre modificado e o futuro também está eternamente em jogo.

Pois bem, na nova psicologia que se apresenta, os tempos são unos, mas também coexistentes, afinal a contradição nos move. Assim como o tempo de Bergson, o sujeito deve se transformar sempre, então envolto num fluxo constante. Para termos uma noção mais ampla, com efeito, basta pensar no susto quando nos reconhecemos no espelho. Não, não somos os mesmos. Você, que lê este livro, não é o mesmo de dez minutos atrás. Isso não descarta a existência do Self, porém nos coloca na responsabilidade de reflexão e ação em relação ao que somos e o que estamos sendo. Logo, quando o longânime chega ao setting terapêutico, o ideal é compreender esta relação temporal, isto é, não precisamos focar no presente ou passado, mas sim entender todas as esferas temporais da pessoa. Bergson salienta as marcas do passado no presente: ‘’memória interior à própria mudança, memória que prolonga o antes no depois e os impede de serem puros instantâneos aparecendo e desaparecendo em um presente que renasceria incessantemente.’’

No setting, contudo, sem esquecer dos processos psicológicos básicos, a memória é um dos fundamentos mais relevantes de nossa atuação clínica. Tudo o que vivemos a priori, pois, existe, por palavras e imagens, em nosso inconsciente. Desvendar esses mistérios é uma das tarefas dessa interação Psi-longânime.

> A duração interior é a vida contínua de uma memória que prolonga o passado no presente, seja porque o presente encerra distintamente a imagem incessantemente crescente do passado, seja, mais ainda, porque testemunha a carga sempre mais

> pesada que arrastamos atrás de nós à medida que envelhecemos. Sem essa sobrevivência do passado no presente, não haveria duração, mas somente instantaneidade. (Bergson, 1993b, p.200)

E o presente psicológico? Este tem seu aspecto físico. Os acontecimentos de antes estão todos registrados no Ser. O tempo psicológico está sempre em movimento, enquanto o tempo real, se é que podemos chamá-lo assim, não passa de um engendramento humano de organização do espaço. Mas como organizar estruturas internas, psíquicas, pormenores que, quando surgem à tona, são capazes de emanarem na forma de psicopatologias?

O presente, para Bergson, é o que se faz. Por isso, dentro de sua linha de pensamento, uma coisa pode ser destacada: o momento presente não existe com tanta força, pois quando pensamos nisso já estamos em outro presente. Isso, todavia, não coloca o passado num pedestal; até porque, de acordo com o filosofo francês: o principal é saber se o passado ainda tem ou não utilidade, se o mesmo ainda existe ou não!

Seja bem como for, a partir dessas reflexões filosóficas, outro ponto necessita ser destrinchado: o futuro. Nas psicologias atuais, tal ‘’período’’ é pouco abordado ou levado em consideração; detalhe extremamente paradoxal, uma vez que a ansiedade é tão-somente o medo do futuro. Para explanarmos sobre ‘’os futuros’’, recorreremos mais uma vez ao raciocínio de Henri Bergson: o futuro do homem psicológico não dá para ser previsto. Isso ocorre por conta do elan vital; sim, os sujeitos criam o tempo inteiro, de modo que não somos capazes de prever o que vai acontecer, ainda que tenhamos aptidões intelectuais para isso. E a imprevisibilidade assusta o homem contemporâneo que, imerso em seu vazio, busca a satisfação nos meios de consumo, nas propagandas capitalistas, nas aquisições que visam mostrar: Sim, estou bem! Sendo que a realidade psíquica está a caminho do aniquilamento.

Vale ressaltar que falar do tempo na clinica psicológica não é somente explicar a importância de tudo o que foi dito até aqui; trata-se, na verdade, de estabelecer como é a relação do longânime com a questão temporal. Quem diz se o que manda é o passado, presente ou futuro é o próprio paciente. Portanto, sabendo que tudo está interligado, temos o direito de ampliar ainda mais a nossa terapia ‘’revolucionária’’.

Diferente do que pregam as abordagens por aí, nosso método é pautado sim numa participação ativa do terapeuta. Isso não por um possível suposto saber, porém pelo fato de termos sim direito de usar nossos conhecimentos profissionais. Essa é uma via distinta do que dizer ao analisado o que o mesmo deve fazer, sobretudo porque estou explanando sobre um diálogo, e não em nome de uma voz de autoridade. A responsabilidade de seus atos já é daquele

que chega em nosso setting. Duas responsabilidades, a do terapeuta e a do sujeito em terapia entram em choque, e isso, tão-somente esta metamorfose temporal, já é um começo de mudança de todos. A premissa de Sócrates Tudo que sei é que nada sei é uma ideia bacana para sabermos que é fundamental se despir de si mesmo para que o processo terapêutico possa ser eficiente.

Vimos até aqui, portanto, que a condição do Tempo é fundamental e fundante dentro do contexto clinico. Não podemos olvidar, é claro, das distorções temporais, se bem que não definimos o tempo de modo linear; ao contrário, o jogo temporal foi relatado pormenorizadamente levando em conta todos os aspectos subjetivos do sujeito.

Passado, presente e futuro fazem parte da mesma dança e, em sintonia ou desastre, vão trocando de papéis. O paciente é que poderá esclarecer quais acontecimentos estão trazendo mais sofrimento. Vamos, em nossa atuação, muito mais adiante que a fenomenologia, pois caminhamos para além do fenômeno como ele se apresenta; pois, ao chegar no setting terapêutico e narrar sua história, os objetos já estão modificados. Nem chegamos a perder tempo com essa busca pelo fenômeno puro.

Aquilo que passou está gravado em nossos âmagos, o presente existe e não existe ao mesmo tempo e o futuro é eterna ameaça e esperança. Até porque, em pesquisas temporais, sabemos que o tempo ou sua percepção depende, a priori, do status quo da pessoa; ela está hospitalizada? Qual sua idade? Suas condições históricas e sociais? Nota-se a impossibilidade de estabelecer um plano certo ou linear como a análise funcional da abordagem comportamental que, ao achar que olha tudo, reduz o sujeito em seu método prático.

Nenhum campo teórico, nem mesmo a Psicologia Temporal, possui fórmulas capazes de conseguir a cura ou as respostas para todas as indagações. Porém, a clínica que estou propondo é pautada numa verdadeira liberdade e numa aniquilação de dogmas. Afinal, estudando os tempos e as metamorfoses, encontramos uma miríade de possibilidades interessantes para o fazer clínico. Algumas coisas permanecem como, por exemplo, a Arte.

A sala de terapia, estranho chamar assim, deve ser um espaço mais ampliado na atualidade; e a psicologia que se apresenta visa utilizar a arte, sempre viva no Tempo, como uma de suas principais ferramentas. E assim mais uma torrente de críticas negativas despencarão em mim. Ótimo!

Por isso, no próximo capitulo, vamos falar do tempo em nossa clínica pautado pelos mais variados tipos de expressões artísticas. Acho relevante o leitor não só tirar suas próprias conclusões, mas escrever rodapés e anotações para compreender mais profundamente estas singelas ideias deste mundo globalizado e que quase já não pensa, somente reproduz e automatiza.

1. Música

A música é uma excelente técnica ou ferramenta a ser utilizada no setting terapêutico. Muitos mitos e histórias falam que a origem surgiu a partir do musical. De Tolkien a C.S. Lewis, muitos pensadores explanam sobre os traços musicais. Afinal, vale lembrar, o infans já escuta, no ventre da Mãe, as vibrações, os sons provenientes do líquido amniótico. E o que dizer de toda a pulsão, de tudo o que sentimos ao escutar uma música de nosso gosto? Há tragédias, dramas, comédias, sentimentos em cada nota, em cada traço musical. Esta transcendência, pois, deve ser revivida, trazida para a terapia. Deixe o paciente ouvir uma canção ou melodia e pergunte o que ele sente, que memórias estes sons evocam. É um mergulho no Ser, no Self, na Alma.

Outra dica relevante é treinar a audição, prestar atenção nos sons ao redor. A música está em tudo, e o paciente pode se entregar a tais fantasias sem nenhum problema.

Certa vez, num atendimento de estágio, um paciente questionou: Por que vocês não usam música na terapia, exploram tão pouco a arte? Lembro que voltei pra casa com uma sensação aziaga, como se faltasse algo na psicologia, como se por mais que estudássemos, o abismo do desconhecido sempre aumentasse. Também não sabia como transpor as portas do conhecimento, isto é, de como revolucionar a Psique; aliás, são tantas pessoas desesperadas que procuram apoio na terapia, de modo que nem sempre estamos preparados. A verdade é que muitos terapeutas tentam adaptar seus clientes ao seu método de trabalho ou abordagem. Em nossa proposta de abordagem, contudo, deixamos o paciente transitar por todos os tempos: passado, presente e futuro. Não focamos em um determinado tempo, jamais somos lineares em nossas consultas. A própria atmosfera musical não segue uma ordem, uma linha; ela nos leva a mundos paralelos, a lugares existentes ou não, dos bosques profundos do espirito até os arrepios do corpo.

Ao trazer a música, no entanto, não falamos de musicoterapia, mas de algo ainda maior, de um conceito e uma percepção sonora que, sim, são capazes de transformar o sujeito. Ouça o farfalhar da natureza, a brisa diáfana da manhã, os arroubos de dor também.

A consciência musical, seu despertar, é como o conto do Flautista de Hamelin: ou você expulsa seus ratos ou você cai no abismo feito às crianças. Com a morte dos Titãs, Zeus engendrou divindades para cantar suas vitórias. Zeus dormiu com Mnemósina, a Deusa da memória, por nove noites e, assim, surgiram as nove musas; entre elas, portanto, Euterpe (Música).

Na clínica, o paciente pode desfrutar dos poderes do ritmo, da harmonia e melodia.

2. Dança

A dança é uma expressão corporal de grande valia para a saúde de forma geral. Até porque, se os hominídeos já faziam batucadas, isso significa que os antigos também dançavam. A dança de Cogul, por exemplo, é uma imagem que foi encontrada na Espanha e que mostra mulheres dançando ao redor de um homem nu. Bom, pode parecer estranho, mas também é preciso trazer a dança, os movimentos livres e poéticos, para o setting terapêutico. As crianças, naturalmente, terão mais facilidade nesse processo, mas esta é uma técnica de terapia para todas as idades. É claro que muitos clientes podem não querer participar disso, e tal escolha deve ser respeitada; porém, mesmo assim, isso não invalida a importância do dançar, do movimentar do corpo. Afinal de contas, como todos sabem, a dança relaxa, possui elementos terapêuticos para todos.

Logo, após algumas sessões, o psicólogo temporal pode propor que o longânime vá se movimentando aos poucos, o que aqui já chamamos de Dança ou de preâmbulo da mesma. Dançar foi sobreviver, agradecer, buscar alimentos, seduzir. E ainda é tudo isso.

Seja como for, este não é um livro de História da Arte, razão pela qual o foco está na demanda do Sujeito. Também atendi, num estágio, uma jovem que havia quebrado o braço direito. Ela disse, passadas umas sete sessões, que não sabia dançar; isto revelou um desejo de Dança, de libertação. O braço sem movimento, sem dança, era um entrave, uma marca no corpo que ressoava peremptoriamente na mente da garota.

Dance, então, quando estiver feliz e triste e veja as diferenças. No Egito, a dança era realizada em casamentos e funerais, pormenores que mostram o quanto de vida e morte esta Arte carrega em si.

Aqui, indubitavelmente, fazemos questão de homenagear todas as danças, sobretudo a Dança Moderna de Isadora Duncan, pioneira deste movimento onde, sem sapatilhas, os pés descalços e uma ligação com a natureza, o indivíduo se expressa livremente. Assim, no setting, o longânime pode ser como Duncan, ou seja, polêmica por desafiar todas as regras do balé clássico. No espaço, no encontro terapeuta-longânime, não deve imperar posições fechadas ou arcaicas.

Pois bem, ao criar seu próprio repertório, o longânime cria saídas e transforma a si mesmo e o outro.

Frase de Isadora Duncan: ‘’Dançar é sentir, sentir é sofrer, sofrer é amar... Tu amas, sofres e sentes. Dança!"

3. Canto

O canto das sereias, o de ninar, o da escola. Quando se sentir confuso, cante uma canção. Ou o senso comum quem canta seus males espanta. Quando estamos com problemas, pois, o cantar é uma arma positiva e tanto. Arche (Canto) também era uma das nove musas filhas de Zeus. Ela fazia parte do cortejo de Apolo, Deus da música.

Naturalmente, a queixa não sei cantar será dita na terapia, mas nada que possa desmerecer a relevância do canto como uma técnica a ser utilizada para a melhoria do longânime. O canto está ligado a celebrações e perdas. ‘’fazer’’ com que o paciente cante é envolvê-lo num campo de signos, símbolos e significações sem fim. Trata-se da chance de mergulhar em si mesmo. Pode ser por meio de uma composição ou da música de algum artista. Por mais trivial que pareça, com efeito, essa ação traz mais elementos do que se possa pensar.

Nas histórias medievais, os cantos narravam os grandes feitos dos cavaleiros, lordes e heróis. Tente, entretanto, cantar sua história, seu momento de vida e veja como se sente. A música é mais expressão que interpretação, função esta que traz um alívio, uma cobrança menor.

O fato é que já existe o canto terapêutico, mas aqui vamos além. No instante da música cantada pelo longânime, o terapeuta deve perceber que som está sendo cantado, se a letra está correta ou não, quais a faces que o paciente mostra durante a cantoria. Depois perguntamos o que o mesmo está sentindo, que memórias surgem, qual o aspecto temporal deste cântico. É algo preso ao passado, uma situação presente ou uma perspectiva futura?

Quando o sujeito escuta a canção de um músico, o seu sentimento entra em choque com a voz do outro, daquela que canta e exige uma interpretação. Ademais, ao começar a cantar, o sujeito se torna também ativo, trazendo a sua visão de homem e mundo para a música. Talvez, na intimidade do setting, o longânime fique ruborizado e não queira cantar, mas isso pode vir a ser uma tarefa de casa. Toda música e todo cantar acarretam em lembranças, em passeios de outrora, em busca do que pode ser, em sonhos, em dúvidas e convicções.

Terminamos esta parte com Florbela Espanca: ‘’Há uma primavera em cada vida: é preciso cantá-la assim florida, pois se Deus nos deu voz, foi para cantar! E se um dia hei-de ser pó, cinza e nada que seja a minha noite uma alvorada, que me saiba perder...para me encontrar....’’

4. TEATRO

O drama faz parte da humanidade muito antes das tragédias e exibições gregas. Representar papéis faz parte de qualquer ser, de modo que na clínica podemos usar esse método. Aqui, com efeito, vamos além do psicodrama, pois o teatro temporal trabalha todos os tempos do sujeito: passado, presente e futuro. O sujeito encena experiências de outrora, do momento e coisas que aspira ou teme.

Seja como for, que nem outras expressões artísticas e autenticas, o paciente pode não querer participar desta técnica. Cabe ao psicólogo criar uma peça de teatro sobre os acontecimentos do setting e depois fazer a leitura do texto dramático com o longânime, fazendo com que este pontue o que foi escrito por nós, terapeutas.

A arte teatral é capaz não só de trabalhar a espontaneidade, mas também de mover o sujeito e mostrar a miríade de faces que formam sua constituição. Logo, a partir destes elementos, é possível trabalhar todo o ambiente. Deixe o cliente criar, transformar o local ao seu bel-prazer. Aliás, devemos salientar que o teatro possui muitas categorias, e todas elas são bem-vindas na Terapia. Marionetes, sombras, bonecos, tudo pode ser encaixado para a compreensão do quebra-cabeça da alma que chega ao consultório.

Em nossa abordagem não temos predileções, porém o material mais presente neste contexto é o Teatro do Oprimido, do brasileiro Augusto Boal. Assim, dentro dos vários métodos de teatro de Boal, ou seja, teatro-jornal, invisível, Fórum, o que melhor preenche nossa busca é o chamado Arco-íris do desejo.

Augusto e Cecília Boal, em meados dos anos 1980, entraram em choque com questões de cunho subjetivo na França. Eles, pois, se perguntaram: como trabalhar quando a opressão é de ordem interna, ou melhor, quando os opressores estão na psique da pessoa? Assim surgiu o arco-íris do desejo onde, a partir dos contratempos psíquicos trazidos pelo sujeito, técnicas de libertação são ministradas.

Pois bem, para entendermos com mais apuro, o fato é que o ator-paciente vai colocar no palco do setting seus principais problemas. Para isso, contudo, basta conduzi-lo ao papel de personagem, de forma que, com esta persona, ele estará colocando em jogo suas próprias aflições.

Alguns podem e vão questionar esta metodologia, embora esta tenha um trunfo que Boal disse com propriedade: ‘’No teatro tudo é verdade, até a mentira’’.

5. POESIA

A poesia vem da alma, da subjetividade, é um arroubo do ser. Trata-se de uma arte milenar e que possui toda uma gama de símbolos e significações. Nossa ideia aqui, naturalmente, é trazer o sentido poético para dentro da clínica psicológica. Não estamos falando de fazer o paciente escrever poemas, o que seria uma boa ideia, mas sim de focar no discurso poético. Nenhuma palavra, seja qual for, é simplesmente solta. Há todo um afeto nas abstrações e poderes esparsos da poesia. E, se o paciente aceitar fazer versos, mesmo que de má qualidade, certamente isso revelará sentimentos profundos e recônditos do sujeito.

Em uma de minhas experiências de estágio, portanto, a saída ou o insight surgiu após uma poesia. O cliente trouxe a seguinte queixa: Sou um homem perfeito. Por que não tenho respeito? Ele se atentou e percebeu que, em sua rima, que em sua poética ao falar, havia toda uma construção social e uma imagem contraditória que tinha de si mesmo. Pedi para ele fazer uns versos livres. A partir deste instante, pois, a terapia cresceu profundamente.

Também não é o momento dos críticos dizerem que estou metamorfoseando o setting terapêutico num ateliê de Artes, mas sim a hora de reconhecermos que precisamos de uma psicologia mais atual e, até mesmo, revolucionária, que faça da práxis sua bandeira e força. E o ato poético, embora pomposo, carrega em si um espirito de mudança, liberdade e reflexão sobre temas tão recorrentes na terapia: amor, sexo, solidão, ilusão, a vida como ela é ou poderia ter sido.

Assim, envolto por esses pensamentos, a técnica da poesia social é baseada na história de vida do sujeito, em sua realidade cultural e histórica, em sua relação com o tempo, a economia, educação, política e demais bases ideológicas da sociedade. A partir da Poesia Social, o sujeito se enxerga como alguém imerso em toda uma rede ou sistema que, muitas vezes, impede seu próprio crescimento.

A escrita poética tem toda uma carga terapêutica. Ela expande a mente e traz questões essenciais nessa constante ‘’luta de classes’’ entre consciente e inconsciente. Resgatar o Poema para a terapia é uma tarefa primordial nesses tempos hipermodernos onde o capitalismo anda cada vez mais insustentável e ainda assim quase imortal.

Muitos negarão o valor da poesia como um caminho terapêutico; se bem que os dizeres do Poeta Augusto dos Anjos ilustram muito bem a relevância do que estamos propondo: ‘’O homem que nasce entre feras, sente necessidade imprescindível de também ser fera.’’